Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento

"VOCÊ É UM EDUCADOR?"[1]

- Texto para reflexão e instrumento de trabalho -

A primeira questão que se apresenta para qualquer pessoa que deseja ser um educador é: "*a quem queremos servir com o nosso trabalho?*"

As diversas possibilidades de respostas a esta pergunta, nos permite caracterizar os tipos de educadores possíveis:

1º - Educador Tarefeiro:

- É aquele que serve ao sistema político dominante, cumprindo as tarefas que lhe são determinadas. Cumpre o programa pré-estabelecido, a metodologia pré-definida, aplica técnicas e atividades pré-concebidas.

Este educador vive a ilusão de estar mudando quando na realidade ele é um agente de preservação da dominação e, em geral, um elemento dificultador da democracia participante dos educandos no seu próprio processo de educação.

2º - Educador Pelego:

- É aquele que diz não servir ao sistema dominante, mas serve aos interesses de seu grupo e de sua classe. Este educador busca o poder para sua corporação. Sua prática se caracteriza pelo simples reformismo, enquanto seu discurso é de contestação da pedagogia oficial. Sua postura no final das contas é a da substituição do discurso oficial pelo aparente discurso da transformação.

O educador pelego vive a ilusão de ser o transformador e guia da educação, quando, na realidade, ele luta pela alternância do poder, fazendo de seu trabalho uma ação pedagógica fisiológica e interesseira. Ele, por fim, pode se diferenciar enquanto pelego assumido ou manipulado.

3º - Educador Egoísta:

- É aquele que só pensa em si mesmo, só trabalha para si mesmo. É um equívoco chamá-lo de educador, pois ele não consegue nesta prática eminentemente social e política ver mais do que a si mesmo. Qualquer disciplina, conteúdo, metodologia e atividade pedagógica pouco importa, pois tudo é usado para alimentar o próprio ego. Este é o oportunista de plantão, "educador" de mão única e hora marcada.

4º - Educador Popular:

- É aquele que dá à Educação o caráter político, social e cultural de que ela se reveste e faz de seu trabalho um processo de militância e comprometimento, não com o sistema dominante ("tarefeiro"), não com os grupos hegemônicos ("pelego"), não consigo mesmo ("egoísta"), mas com a prática da democracia substantiva e radical.

O educador popular é um agente-meio de educação do povo, a partir da visão de mundo, dos saberes e fazeres do povo, das suas perspectivas e "utopias" (entendidas não como sonhos impossíveis, mas como a busca do não-tópico, do não realizado ainda).

Este educador faz com que o grupo de educandos (do qual é parte) crie o seu próprio ritmo de apropriação do conhecimento e construa sua pedagogia.

---

[1] Este texto foi elaborado para subsidiar as reflexões dos participantes do evento: Educação e Desenvolvimento Comunitário como Ferramenta de Intervenção no Território. Várzea Paulista/SP, 05 de Maio de 2010

À guisa de exemplo, outra pequena reflexão: **"Ilusão X Utopia"**, ou como descobrir a resposta para a pergunta: -"*O que é necessário para ensinar latim a João?*"
- A resposta é: . . .

É uma grande ilusão pensar que, aprendendo os códigos de comunicação das classes dominadoras e das elites, as camadas populares estarão se preparando para a reversão do quadro de exclusão em que se encontram. Isto só aconteceria se as classes dominantes e elites se mantivessem estáticas e as classes populares em grande desenvolvimento. Mera ilusão é julgarmos que será através da apropriação da linguagem "culta" que as comunidades populares conseguirão transformar o mundo em que vivem e as condições a que estão submetidas.

Outra ilusão é considerarmos que apenas com o nosso discurso "progressista e de esquerda", mas não praticado e não comprometido junto às camadas populares, iremos instrumentalizá-las para a transformação histórico-social de que necessitam.

Não será pelo enunciado de nossos objetivos como por exemplo a "melhoria da qualidade de vida da comunidade" que o nosso projeto irá se realizar. Não será pelo repasse do nosso modelo de vida (e que "vida!") que iremos transformar a vida das comunidades populares.

O povo fará as transformações por si e no momento em que, com nossa militância e cumplicidade, numa prática educativa plural, superar a ideologia do auto-desprezo, resgatar a sua auto-estima, apropriar-se de seus próprios saberes e fazeres, e assumir criticamente a sua linguagem e consciência, hoje em estado latente, sufocada e oprimida, determinando o novo curso da História.

No dia que o "empodemento"[2] comunitário for subsatntivo e diariamente praticado, a transformação social se fará e, aí sim, teremos condições e orgulho de afirmar que construímos uma Comunidade Sustentável.

"Ler a nossa realidade e escrever a nossa história", eis o lema, diretriz e "*slogan*" que elegemos como premissa conceitual das propostas, dos projetos e das utopias dos educadores populares e agentes culturais e comunitários.

Tião Rocha[3]
Diretor Presidente - CPCD
Maio de 2010

[2] O chamado empoderamento comunitário ("empowerment", no original inglês) para nós do CPCD, significa empodemento : "quer dizer que nós pode? Então nós pode!" , palavra criada pelos moradores de Araçuaí, no Vale do Jequitinhona/MG, quando, em 2005, deixaram de ser-e-viver no lugar do atraso e da miséria e resolveram transformar sua cidade, numa " cidade sustentável", que é igual a soma de: compromisso ambiental + satisfação econômica + valores humanos e culturais + empodimento comum itário.

[3] Tião Rocha é antropólogo (por formação acadêmica), educador popular (por opção política), folclorista (por necessidade), mineiro (por sorte) e atleticano (por sina). É o idealizador e diretor presidente do Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento - CPCD, organização não governamental com sede em Belo Horizonte/MG, criada em 1984 (www.cpcd.org.br).